

# Precocidade teatral

## Peça de jovem autora baiana tem leitura no Rio

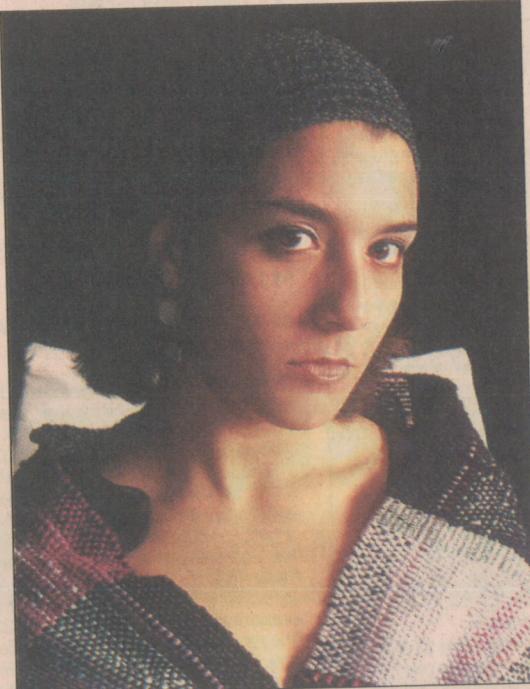
Divulgação

A relação esquizofrênica de dois irmãos é a tônica de *O cego e o louco*, peça que tem leitura dramática com os atores Othon Bastos e Rogério Fróes amanhã, às 21h, na Casa da Gávea. Por trás do conteúdo complexo, uma jovem autora. A baiana Cláudia Barral escreveu o texto com 19 anos, na mesma época em que passou no vestibular para Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia. Hoje, aos 25, ela tem diversas peças e adaptações no currículo e continua colhendo os frutos do trabalho de estréia, que vai ser lido pela primeira vez no Rio.

A precocidade da estudante foi logo valorizada, e por um veterano de respeito. Em 1998, o texto de *O cego e o louco* chegou às mãos de José Lewgoy. O ator, que morreu em fevereiro último, decidiu fazer uma leitura dramática assim que o leu.

— Fiquei honrada quando Lewgoy me ligou sugerindo a leitura, principalmente porque há anos ele não fazia nada ligado a teatro. Pedi que fosse em Salvador e ele veio exclusivamente para isso, foi muito gratificante — lembra-se Cláudia.

Depois de ter a bênção de



**CLÁUDIA BARRAL** é autora de 'O cego e o louco', que escreveu aos 19 anos. A peça ganha dramatização de Rogério Fróes e Othon Bastos na Casa da Gávea

Lewgoy, o texto continuou rendendo resultados: Cláudia ganhou o prêmio Copene de Teatro, na categoria de melhor autor, em 2001, e no ano seguinte organizou o registro dessa e de outras peças em livro.

A publicação foi distribuída no Rio e em São Paulo enquanto Cláudia trabalhava como assistente de direção de João Falcão em *Cambaió*, musical de Chico Buarque e Edu Lobo, em 2001. Graças a isso, Rogério Fróes teve contato com *O cego e o louco* e to-

mou gosto pelo texto. Depois de chamar o colega Othon Bastos para dividir a leitura com ele, convidou Gracindo Jr. para a direção.

— Estou curiosa para saber que tipo de interpretação eles vão dar. É muito bom ver meu primeiro texto para teatro valorizado por tanta gente boa — afirma Cláudia, que também assina a peça *O que de longe parece ser um verso em branco*, atualmente em cartaz em Salvador, onde até o fim do ano estréia a nova *Cordel do amor sem fim*.

» ESTREIA

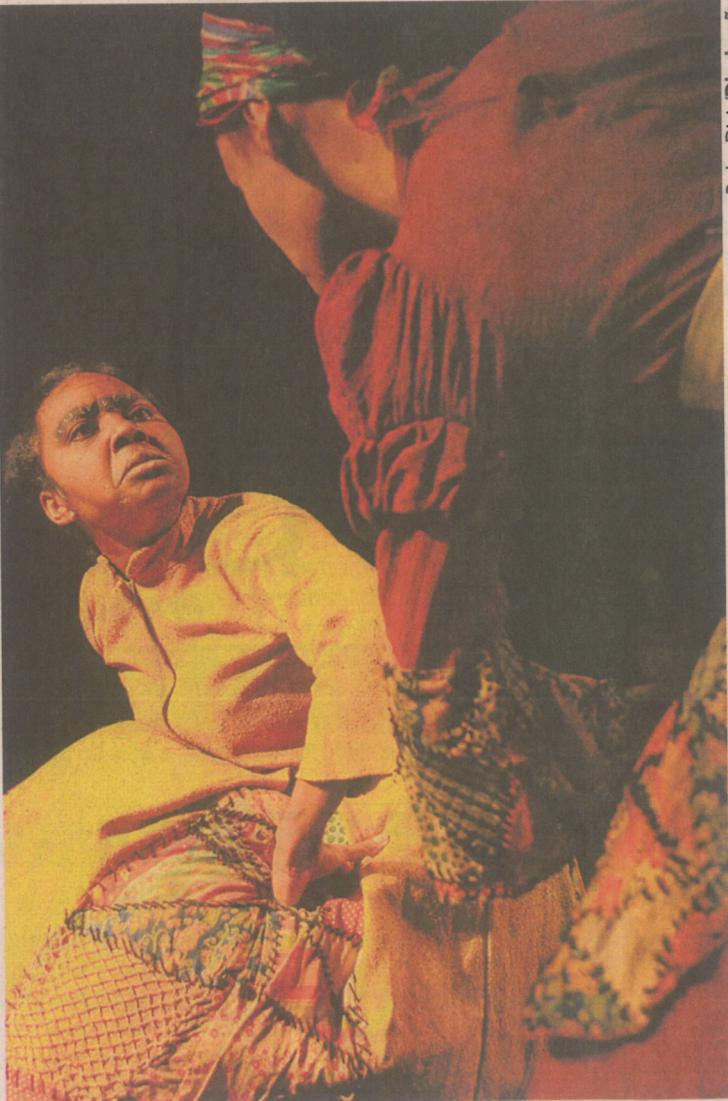
# Algo de Drummond ali no São Francisco

**Cordel do amor sem fim**, peça que estreia hoje, trazendo o diretor Samuel Santos para a dramaturgia adulta, acontece nos moldes do "João amava Teresa, que amava Raimundo..."

Depois de exercitar a direção teatral em uma série de peças infantis (*A terra dos meninos pelados*, *Menino minotauro*, *O amor do Galo da Madrugada pela Galinha D'Água*, *Historinhas de dentro*), o também ator e dramaturgo Samuel Santos inicia uma nova etapa na carreira com a estreia de *Cordel do amor sem fim* (hoje e amanhã no Teatro Apolo, às 20h; dias 16, 23 e 30 de outubro e 6, 13, 20 e 27 de novembro na Compassos Cia. de Danças, às 19h). O espetáculo, realizado com apuro cênico (os atores passaram por aulas de tai chi chuan, dentro da idéia da criação de uma "partitura" para a ação física), tem texto de Cláudia Barral, que se baseou nos relatos de seu pai sobre a cidade baiana de Carinhanha, onde se passa a história da montagem. Importante: as apresentações de hoje e de amanhã são gratuitas.

*Cordel...* foi realizado com incentivo do Funcultura (da Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco/Fundarpe). "Foram setenta e nove mil, cento e oitenta e dois reais e vinte centavos", diz Santos, fazendo questão de frisar cada nota e moeda gasta na produção. "Gracias a Deus, não tivemos que buscar mais apoios, conseguimos realizar tudo com essa verba", completa. O diretor diz que o espetáculo vai abrir uma chance para a experimentação

Pedro Diniz/Divulgação



**DILATAÇÃO** Atores incorporam, no palco, a passagem do tempo

de espaços cênicos não convencionais - refere-se especificamente à Compasso, local onde a peça vai cumprir fato uma temporada. O motivo não novo: falta de pauta. "Ali o público vai poder ficar mais perto do espetáculo, estabelecer uma relação diferente", comenta. Crítico, ele diz que a inflação de pautas é provocada principalmente pela realização de festivais o que impede os grupos locais a realizar temporadas mais longas. "Só quando os festivais terminam, as peças daqui ficam. O ideal é que esses espetáculos ocupassem os teatros durante a semana, com os fins de semana sendo reservados para quem está em temporada", sugere.

Velhos problemas à parte, *Cordel do amor sem fim* leva ao palco Agrinez Melo (Carminha), Monalize Mendonça (Tereza), Nana Sodré (Madalena e Antônio) e Thomaz Aquino (Jesus), que integram uma trama que pode ser advetivada como "drummondiana", onde um ama o outro, que ama o outro, que ama o outro. São três irmãs que vivem às margens do Rio São Francisco e se envolvem com José. Outro "personagem" é o tempo que surge incorporado nos próprios atores. A música (ao vivo) é assinada por Josias de Albuquerque, enquanto Agrinez Melo produziu o rebuscado figurino. A direção de arte é de Fernando Kehler, enquanto o pessoal da Poste assinou a iluminação.

## Dupla muito entrosada

Duca Rachid e Thelma Guedes



Por trás do sucesso de *Cama de Gato*, trama das 6 da Rede Globo, brilham Duca Rachid (à esquerda), 49 anos, e Thelma Guedes, 50. Elas assinam juntas o enredo em que a baladeira Rosa (Camila Pitanga) se apaixona pelo arrogante Gustavo (Marcos Palmeira) – e que já caiu nas graças do público: 59% dos lares brasileiros sintonizam o canal nesse horário. Ambas já atuavam na emissora, mas o autor Walcyr Carrasco resolveu uni-las num mesmo trabalho. A empatia foi imediata. “Somos duas suburbanas que, durante a infância, encontraram nos livros e nas novelas uma janela para o mundo. Tive poucos encontros como este”, garante a paulistana Duca. “Uma joga a ideia e a outra complementa”, diz a carioca Thelma. A primeira empreitada da dupla foi a adaptação de *O Profeta*, em 2006. Agora, haja fôlego para dar conta de seis capítulos semanais – ficou difícil fazer ginástica cedo quando, na noite anterior, trabalharam até 1 da manhã. Duca é a mais pilhada da dupla, só relaxa aos domingos cozinhando para a filha Marina, 10 anos, e o marido, o designer Pedro Lucente, 61 anos. Já Thelma tenta seguir sua rotina de cinéfila com o marido, o escritor Eromar Bomfim, 61 anos. Formada em letras, ela nem sonhava com tanto agito. Até que, em 1997, essa fã de Janete Clair resolveu ingressar numa oficina de roteiristas na Globo – foi uma das três finalistas entre 700 candidatos. Logo tornou-se parceira de Carrasco, com quem colaborou em *Chocolate com Pimenta* e em *Alma Gêmea*. Duca, por sua vez, auxiliou Carrasco nas novelas *O Cravo e a Rosa* e *A Padroeira*. Jornalista de formação, fã de novelas dos anos 1970, começou a carreira em Portugal, terra de sua mãe. Lá, escreveu *A Banqueira do Povo*, encenada com o diretor Walter Avancini. Depois de seis anos, voltou ao Brasil e tornou-se discípula de seu ídolo, o cineasta e escritor Walter Durst (1922-1997). “Com ele, aprendi a buscar humanidade nos personagens. Thelma e eu fazemos de tudo para construir personagens verdadeiros. Talvez esteja aí o motivo do sucesso da novela.”

## Celebração no palco

Cláudia Barral

Fora do eixo Rio-São Paulo, a baiana Cláudia Barral, 31 anos, é um dos grandes destaques da dramaturgia. Sua primeira peça, *O Cego e o Louco*, escrita aos 17 anos, encantou o ator José Lewgoy (1920-2003), que havia anos não subia ao palco para fazer uma leitura dramática – e abriu uma exceção para Cláudia. No Rio de Janeiro, o texto teve mais uma leitura, com direção de Gracindo Jr. e atuação de Othon Bastos e Rogério Fróes. A ideia de escrever surgiu depois de assistir diariamente, e durante um mês, a uma peça que se encontrava em cartaz na escola de teatro que frequentava. Cláudia estava interessada em um dos atores. O namoro durou cinco anos e ainda rendeu um bom texto. Antes mesmo da paixão pela dramaturgia, o teatro entrou cedo, aos 10 anos, na vida dessa baiana, que pede a bênção a todos os orixás e medita onde houver espaço. Iniciativa do pai, que incentivou o interesse da menina pelos palcos para atenuar a dor da perda, então recente, da mãe. Acertou em cheio, pois Cláudia acabou se formando em interpretação teatral pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). “O teatro tem um caráter de celebração que me apaixona. Como dramaturga, tiro proveito disso. A intenção é que o público se envolva com os personagens e reze para que a história termine bem, o que nem sempre acontece.” Instintivamente, desenvolve os textos com base no trabalho dos atores e de conversas com o diretor. Sua peça mais conhecida é *Cordel do Amor sem Fim*, encenada dentro de um ônibus em movimento. No enredo, três mulheres sertanejas falam sobre as diferentes formas de amar e a submissão ao tempo. “É uma obra delicada, plena de lirismo e com aroma regional. Ela é uma autora que aproveita a tradição popular, mas mantém um pé na atualidade”, define Silvana Garcia, dramaturga e professora da Escola de Arte Dramática da Universidade de São Paulo (EAD/USP). Uma das características de seus trabalhos é a influência do autor russo Anton Tchekov (1860-1904). “Ele fala do ser humano com uma simplicidade perturbadora.

Para mim, uma boa peça é um jogo entre personagens. É preciso que haja tensão”, afirma. Cláudia acaba de estrear em Salvador um novo espetáculo, *Fragmentos de um Só*, com sete atores em sete solos.

Fotos Duca Rachid e Thelma Guedes; Cláudia Barral, Ricardo Góes/Produção Sylvia Radovan/Cabelo e maquiagem Sandro Borges; Cláudia Barral, Gisele Joris e Daniela Pereira; Marcelo Corrêa/Produção Chris Boiles/Cabelo e maquiagem Edson Morales

